

CARTAS AO COLONIZADOR

Tayná Cá Arfer Tuxá

I

Toidé Dzene Tsoro Radda Nuñe
(Resistir para Existir Terra Protegida)

E se eu te contar uma história real?
Onde morremos todos os dias desde os navios de Cabral.
Onde nossos corpos se tornaram escandalização,
Onde nossa existência é tratada como uma ilusão.

Onde na aldeia nos calam,
E nos julgam na urbanização.
Onde somos incriminados,
Mesmo quando somos assassinados.

Era Abya Yala,
Virou área colonizada.
O que era Pindorama, virou Brasil.
O que era floresta, virou prédio.
O que era lar, virou garimpo.
O que era vida, virou destruição.

Minha identidade foi mantida no anonimato,
Minha terra foi maltratada,
Me forçaram a rezar,
Me deixaram sem ar.

Nos perguntam de onde viemos, mas a verdade é que sempre estivemos aqui,
A diferença é que agora eu preciso lutar até pra existir.
Meu canto virou grito que pede socorro, minha flecha é proteção.
Minha chanduca é orientação.

Você não liga,
Mas eu tenho em minha memória,
Porque até hoje ainda inventam a minha história.
Até hoje minha mãe chora pela sua casa que foi inundada.

O que você come, se não o que a floresta lhe dá?
Mas o que resta, se tudo que você faz é desmatar?
Que água você bebe, se tudo que você faz é poluir?
E o que o seu dinheiro compra, se não tem mais nada vivo aqui?

Se teu garimpo me mata, se corre mercúrio no corpo dos meus parentes.
Se teu agro não é tech, teu agro não é pop, seu agro é genocídio.
Se tem PL decidindo se eu vou viver,
Se aquele que deveria me proteger,
Foge de helicóptero quando me vê.

Quando tem um monte de policial pra proteger criminoso,
Mas meu território tá lá cheio de invasor.
Quando me chamam pra conversar,
Mas não levam a sério nada que eu tenho pra falar.

Se me roubaram em 1500 e roubam hoje também,
Se usam meus atavis no carnaval,
E ainda inventam negócio de marco temporal.
Quando não sabemos pra onde ir.

Dizem que troquei minha casa por um espelho,
Mas não viram nossos corpos sendo massacrados.
Dizem que eu não pareço ser quem sou,
Mas não sabem que isso é resultado da minha tataravó que você estuprou.

Quando tem pandemia me matando,
Porque eu sou o maior grupo de risco há mais de 500 anos.
Quando não respeitam o meu direito, e fazem de um pedaço do papel o que é constituição.
Se minha garantia virou ameaça.

Quando acham que moramos só na floresta,
Mas tem parente na cidade, na faculdade e na favela.
Quando me isolo e vem infectado causando mal aos meus órgãos.
Quando é esse contato que acaba com os nossos povos.

Mentem a nossa presença e temem a nossa flecha,
Mas é a sua caneta que me assassina.
E não venha dizer que eu sou selvagem,
Porque é você que acaba com a nossa diversidade.

Não foi só Cabral que quis colonizar,
Também tem genocida na presidência querendo me matar.
Tem garimpeiro incendiando nossas aldeias,
Tirando ouro do sangue dos nossos parentes.

Dizem que minha entrada não é permitida,
Mas foi a minha casa que foi invadida.
Não dos deixam protestar,
E sempre tentam nos atacar.

Essa terra é minha desde antes de você pisar.
Você não descobriu, você quis foi nos apagar.
Mas ainda contam a sua versão nos livros que você escreveu,
E quem se importa com a minha vida que se perdeu?

Eu não sou a índia no barquinho que você desenha,
Eu não sou uma das suas lendas mentirosas.
Eu sou filha de um povo,
Eu sou fruto dessa terra, sou luta em forma de corpo.

Eu sou urucum na pele e proteção no jenipapo,
Eu sou uma existência que vive de resistência,
Eu sou o balançar do maracá.
E que diferença faz se eu tenho ou não um celular?

Somos muitos, somos povos.
Somos Tuxá, Munduruku, Pataxó, Tumabalalá,
Guajajara, Fulni-ô, Xacriabá,
Tikuna, Yanomami, Guarani-Kaiwoá.

Somos estudantes, médicos, professores,
Artistas, escritores, ilustradores.
Somos parte da própria natureza,
Somos a força de nossos ancestrais.

Somos originários, somos as vidas que o genocídio não conseguiu apagar.
Somos uma luta que não para pra descansar,
Porque enquanto ameaçarem a nossa existência,
Seremos sempre resistência.

Gritamos demarcação já,
Gritamos por nossos direitos,
Gritamos por floresta em pé,
E sangue indígena nenhuma gota mais no chão.

Somos as raízes que se unem por dentro da terra,
Somos a espiritualidade que nos guia e nos protege.
Somos diferentes, somos diversos.
Escutamos os saberes de nossos avós e sabemos de onde viemos.

Mesmo quando você me chama de pardo pra me embranquecer,
Quando dizem que não pertencço a esse lugar, quando tentam me enfraquecer.
Somos luta pela vida, pela terra.
Para demarcar terras e telas.

Para a defesa de nossos parentes,
Pelo nosso direito de viver.
E resisto, com a força que tenho,
Pedindo proteção aos encantados, e sentindo esse chão que estremece com o meu toré.
Toidé dzene tsoro radda nuñe.

II**Wadi Dsikié (Não calar)**

Por que não me deixa falar?
Por que insiste em querer me apagar?
Depois de tantos anos ainda tenta me colonizar.
Tenta de todas as formas me calar.

Mas meu grito ecoa em canto,
Canto levado pelo rio,
Guardado pela terra,
Contado por uma geração futura,
Mantido vivo na minha cultura.

Você continua negando que eu estou aqui,
Mas tira foto se apropriando de meu atavi.
Diz que não posso ter celular,
E me manda pra floresta que você insiste em desmatar.

Você contou sua mentira,
Disse que essa terra aqui foi descoberta,
Escondeu a invasão, o roubo, o estupro e o assassinato,
Ainda hoje diz que eu só existo no matto.

Me forçou uma religião,
Matando um por um com sua catequização.
Sua barragem matou as ondas de meu rio,
Mas é essa sua ideia de Brasil.

Brasil,
Construído em cima do meu sangue derramado,
Pisando com suas botas sujas no meu território sagrado,
Me tratando como selvagem animal.
Destruindo como se não fosse nada, o meu lugar ancestral.

Nos roubaram em 1500,
Mas até hoje você me assassina.
Contaminando corpos com mercúrio,
Buscando por dinheiro em troca da minha vida,
E depois fugindo ignorando minha morte.

Colocando asfalto em cima da Mãe-Terra,
Desmatando esse lugar.
E quando nada mais restar,
Como que você vai respirar?

Você defende o seu governo genocida,
E diz que é privilégio receber máscara vencida.
Me ataca com PL e Marco Temporal,
Seu racismo institucional.

Você lê quantos de nós morreram todos os dias nos jornais,
Mas ignora como se não fosse nada demais,
Você vê aldeia sendo incendiada,
Mas ignora porque não é na sua casa.

Compra meu artesanato,
Acha bonito o meu jenipapo.
Mas quando é pra me defender,
Você não tem nada pra dizer.

Se até na FUNAI me recebem com bomba,
Então quem vai me ouvir?
A gente já não tem mais pra onde ir,
Até quando vão negar que eu sempre estive aqui?

Negam meu direito como se minha vida pudesse ser descartada,
Me tratam como mito, como lenda pra ser contada,
Como se fosse inexistente,
Mesmo quando eu estou na sua frente.

E eu grito todo meu corpo,
Resisto pelo meu povo.
Povo que me ensinou a lutar,
A ser força e retomar.

Eu vim pra demarcar,
Pra contar a história que você sempre tentou apagar.
Eu sou expressão em letra e toda a potência,
Sou escrita em urucum da minha vivência.

Eu sou parte de um povo guerreiro,
Que me ensina e reconhece.
Eu sou originária,
Eu sou raiz de Abya Yala.

Um pouco da minha história

Há seis anos eu não sabia contar a minha história, e não sabia que ela tinha começado mesmo antes do dia em que nasci. Mas quando cheguei em minha aldeia, tive essa conexão direta com os saberes da terra, pude ouvir as tantas histórias de minha avó, e sentir toda essa energia que o território guarda.

Eu entendi o porquê de minha mãe contar sobre a vida dela na velha cidade, com um olhar tão brilhante e ao mesmo tempo tão saudoso. Eu entendi o porquê de eu me sentir tão protegida quando estava na aldeia. Eu pude aprender tanto, e me permitir sentir dentro de mim, de dentro do meu corpo, essa força. Uma força que vem de tão fundo e que transborda de maneiras tão plurais. De saber que meus ancestrais me protegem, de minha espiritualidade, do meu interior, da profundidade da nossa história.

Desde muito pequena, eu lembro e sinto uma energia e uma presença muito grande, como uma proteção. Quando sinto esse chão que guarda tantas histórias daqueles que morreram para que meu povo continuasse a existir, pra que eu estivesse aqui. No canto do toré sendo levado e ecoando no meu interior, nas pisadas e vozes potentes dos meus parentes, no balançar do maracá feito pelas mãos de uma de nossas artesãs, nas vivências de minha avó Ciazé, que ela me conta com sua tonalidade e expressões tão profundas. Na fumaça do cachimbo de minha mãe, no aió que pertenceu as minhas matriarcas e que agora tenho a honra de carregar. É a minha ancestralidade, na força que corre em minhas veias, em escutar o movimento de cada onda de nosso rio, e de sentir a presença dos encantados no Dzorobabé.

Saber de onde eu vim e escutar os saberes de minha avó e de lideranças mais velhas, e de outros povos. Escutar histórias de luta, porque nós somos luta. Sentir o chão estremecer com nosso toré. Encontrar as minhas maneiras de expressão e tentar levar isso pra fora de mim, pra fora das páginas onde escrevo e transformar isso em algo maior. Na minha aldeia, aprendi a utilizar das formas de expressão, a participação ativa na nossa luta diária. Encontrei na escrita, a minha maneira de levantar a voz, de gritar e assumir essa responsabilidade.

Em meio a essa necessidade de levar minhas escritas para outros públicos e tentar um alcance maior, comecei então a publicar minhas produções nas redes sociais (Instagram @taynatuxa), com o projeto criado por mim, que leva o nome de “Tuxá Toidé” (em Dzubukuá, língua ancestral do meu povo, significa “Tuxá Resiste”). Nesse espaço, trago em versos e potências, meus saberes de resistência e vivências como uma das raízes dessa terra. Meu objetivo é promover, a partir dessas ferramentas, a representatividade indígena nesses espaços, trazendo a intensidade do urucum e a força do jenipapo em cada palavra de resistência que produzo.



Me chamo Tayná Cá Arfer, sou indígena do Povo Tuxá Aldeia-Mãe de Rodelas-BA, tenho 14 anos (nascida em 2007) e sou estudante do Colégio Estadual Indígena Capitão Francisco Rodelas. Sou filha de uma raiz matriarca muito forte, e carrego em meu corpo e espiritualidade, a ancestralidade e o pertencimento de uma identidade como parte de um povo originário.